



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 05/03/2021 a 11/03/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
05/03/2021	14,34	420,00	53,38	6,54	5,62
08/03/2021	14,37	418,30	54,06	6,46	5,65
09/03/2021	14,41	419,20	55,15	6,56	5,62
10/03/2021	14,11	410,10	55,36	6,50	5,47
11/03/2021	14,15	402,00	56,46	6,36	5,55
Média	14,24	413,92	54,88	6,48	5,58

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	167,00	
RS – Não Me Toque	167,00	
RS – Londrina	161,00	
PR – Cascavel	162,00	
MT – C.N.Parecis	154,00	
MS – Maracaju	160,00	
GO - Rio Verde	162,00	
BA – L.E.Magalhães	161,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	80,00	CIF
Porto de Paranaguá	85,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	78,00	
SC – Rio do Sul	78,00	
PR – Cascavel	78,00	
PR – Londrina	77,50	
MT – C.N.Parecis	68,00	
MS – Maracaju	76,00	
SP – Itapetininga	90,00	
SP – Campinas	96,00	CIF
GO – Rio Verde	76,00	
GO – Jataí	76,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	79,00	
RS – Não Me Toque	79,00	
PR – Londrina	79,00	
PR – Cascavel	80,00	

Período: 10/03/2021

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 11/03/2021**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	77,69	164,35	77,33

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
11/03/2021**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	86,39
Feijão (saco 60 Kg)	287,27
Sorgo (saco 60 Kg)	63,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,25
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,98**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,43

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Fevereiro/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago registraram forte volatilidade nesta semana, com o bushel, para o primeiro mês cotado, fechando a quinta-feira (11) em US\$ 14,15, após US\$ 14,41 no dia 09 e US\$ 14,15 uma semana antes. Quanto aos subprodutos, o farelo de soja recuou para US\$ 402,00/tonelada curta, o mais baixo valor desde dezembro passado. Já o óleo de soja voltou a disparar de preço em Chicago, atingindo a 56,46 centavos de dólar por libra-peso, o mais alto valor, para o primeiro mês cotado, desde o dia meados de 2012, ou seja, há quase nove anos.

O relatório de oferta e demanda do USDA, informado no dia 09/03, praticamente trouxe os mesmos números do relatório anterior, não havendo novidades. Ao mesmo tempo, o clima melhorou nos EUA, indicando um futuro plantio adequado, enquanto a demanda geral pela oleaginosa diminuiu. Soma-se a isso a tradicional realização de lucros por parte dos operadores na Bolsa, após as altas importantes em dias anteriores. Agora, o mercado se volta para o relatório de intenção de plantio nos EUA, previsto para o dia 31/03.

Por outro lado, na semana encerrada em 4 de março, os EUA embarcaram 587.594 toneladas de soja, ficando dentro do esperado pelo mercado. Em todo o ano comercial atual os estadunidenses já embarcaram 52,6 milhões de toneladas, ou seja, 75% acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

Em paralelo, na Argentina a Bolsa de Rosário reduziu a estimativa de safra de soja naquele país, com a mesma ficando agora em 45 milhões de toneladas. Na melhor das hipóteses em 46 milhões de toneladas. A nova redução é de 4 milhões de toneladas em relação a estimativa anterior. Sérios problemas climáticos no país vizinho são as causas principais da redução. Há falta de chuvas nas regiões produtoras daquele país. Tanto que especialistas locais afirmam que não é possível afirmar qual será o real volume a ser colhido na Argentina nesta safra, pois o quadro pode se agravar. Por enquanto, estima-se que 850.000 hectares de soja serão perdidos devido a falta de chuvas. Em os vizinhos produzindo somente isto, suas exportações ficariam em apenas 6 a 7 milhões de toneladas, já que o país projeta esmagar de 39 a 40 milhões de toneladas neste ano. Ou seja, um milhão de toneladas a mais do que no ano anterior. Haverá menos óleo e farelo disponíveis, fato que já está impactando as cotações na Bolsa de Chicago há algum tempo.

Pelo lado da demanda, a China importou menos soja nos dois primeiros meses de 2021, especialmente porque está havendo atrasos nos embarques brasileiros. O total ficou em 13,4 milhões de toneladas na soma dos meses, representando menos 0,8% na comparação com o mesmo período do ano anterior. No final de cada ano e início do ano seguinte, a China compra normalmente mais soja nos EUA, já que a América do Sul ainda não colheu sua nova safra. E, com o atraso na colheita brasileira neste ano, a demanda pela soja estadunidense se prolonga.

Aqui no Brasil, com as dificuldades econômicas, resultantes em grande parte da péssima gestão federal em relação a pandemia, ligada às dificuldades para se fazer avançar a agenda de reformas estruturais e o ajuste fiscal, e agora com a política em ebulição com a liberação do ex-presidente Lula para voltar a se eleger, o dólar disparou e chegou a bater acima de R\$ 5,80 em alguns momentos da semana. Esta situação, e

a manutenção de cotações em Chicago acima dos US\$ 14,00/bushel, mesmo com oscilações, fez o preço da soja disparar nesta semana.

A média gaúcha no balcão subiu para R\$ 164,35/saco, havendo regiões atingindo a R\$ 167,00 e até mais. Nas demais praças nacionais os preços também subiram, ficando entre R\$ 154,00 em Campo Novo do Parecis (MT) e R\$ 162,00/saco em Rio Verde (GO) e Cascavel (PR), considerando as praças que pesquisamos.

Vale destacar que se o câmbio estivesse ao redor de R\$ 5,00 por dólar, como seria a lógica no contexto da evolução mundial das moedas, a soja valeria hoje, no balcão gaúcho, entre R\$ 120,00 e R\$ 130,00/saco.

Os preços poderiam ainda ser melhores se os prêmios nos portos fossem mais elevados (em alguns casos está negativo). O atraso nos embarques segura os mesmos. Hoje, o frete entre o Centro-Oeste e os portos de Santos e Paranaguá chega a R\$ 200,00/tonelada.

Por sua vez, a pressão sobre os preços também vem do fato de que muitos analistas começam a rever para baixo a produção final do Brasil, após esta última semana, contrariando as expectativas anteriores. Devido ao excesso de chuvas no Centro-Norte do país, estresse hídrico no Rio Grande do Sul, e ataque da ferrugem asiática em muitas lavouras, a Aprosoja Brasil, por exemplo, já considera que o volume final possa não chegar a 130 milhões de toneladas.

Aquilo que destacamos no comentário da semana passada, sobre o Tocantins, está agora atingindo a totalidade do Centro-Norte brasileiro, com intensidades variáveis. O excesso de chuvas retarda a colheita, já naturalmente atrasada pelo retardo no plantio. Além disso, as chuvas estragam os grãos prontos para colher, ocorrendo apodrecimento dos mesmos nas lavouras. As perdas de qualidade e produtividade se avolumam. Além disso, doença ainda não conhecida vem causando apodrecimento das vagens na fase final de enchimento de grãos, provocando perdas importantes no Norte do Mato Grosso e outras regiões. No Pará, os produtores estão pedindo que se decrete estado de calamidade para as regiões produtoras da oleaginosa.

Mesmo assim, no Mato Grosso a colheita chegou a 67% da área esperada, porém, continua bastante atrasada já que a média histórica é de 80% colhido para esta época, enquanto na mesma época do ano passado a colheita atingia a 91% da área. A safra de soja de Mato Grosso deve alcançar 35,74 milhões de toneladas em 2020/21, segundo a última previsão do Imea.

Por outro lado, a comercialização da futura safra 2021/22, no Mato Grosso, que somente será semeada a partir de setembro próximo, já está negociada antecipadamente em 23,5%, contra 4,5% na média histórica. No mesmo período do ano passado, as vendas antecipadas da atual safra chegavam a 20,3%. Neste momento, a atual safra, que está em colheita, já foi negociada em 75,1% no Mato Grosso. Um pouco abaixo dos 75,5% negociados na mesma época do ano anterior, mas bem acima da média histórica, que é de 65,2% para esta época do ano. (cf. Imea)

Em termos totais do Brasil, a comercialização da atual safra chega a 62,7% do volume esperado, contra 59,8% um mês atrás e 49% na média histórica. No Paraná, as vendas chegam a 63%, contra 39% na média histórica. (cf. Safras & Mercado)

Enquanto isso, segundo o Deral, a colheita da atual safra paranaense de soja chegava a 36% da área no início desta semana, e o plantio do milho safrinha atingia a 43% da área esperada. Também no Paraná o excesso de chuvas está atrasando a colheita de soja e, por consequência, o plantio do milho safrinha. Para comparação, no mesmo período do ano passado, a colheita da soja chegava a 54% da área (18 pontos percentuais acima do que ocorre hoje), enquanto o plantio do milho safrinha atingia a 72% da área esperada (29 pontos percentuais acima do que está hoje).

Quanto as exportações, a média diária brasileira na primeira semana de março chegou a 483.300 toneladas, com recuo de 2% sobre o mesmo mês do ano passado. Apesar disso, espera-se vendas externas, em março, entre 13,3 e 15,5 milhões de toneladas, contra 3 milhões em fevereiro. (cf. Secex e Anec)

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago subiram um pouco nesta semana. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (11) em US\$ 5,55/bushel, após US\$ 5,46 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA não trouxe modificações dignas de nota, em relação ao divulgado em fevereiro. Apenas aumentou em dois milhões de toneladas a produção mundial, colocando-a agora em 1,136 bilhão de toneladas, e em um milhão de toneladas os estoques finais mundiais, indicando os mesmos em 287,7 milhões de toneladas.

Afora isso, os embarques de milho, por parte dos EUA, na semana anterior a esta, atingiram a 1,54 milhão de toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. Com isso, o volume total embarcado pelo país, no atual ano comercial, chega a 27,6 milhões de toneladas, superando em 84% o volume embarcado no mesmo período do ano anterior.

Já na Argentina, segundo a Bolsa de Rosário, a produção de milho deste ano sofrerá recuo, devendo ficar em 48,5 milhões de toneladas, contra 49 milhões na última estimativa e 51 milhões nas duas últimas safras. Lembrando que o USDA estima uma produção de 47,5 milhões de toneladas.

No Brasil, os preços se mantêm firmes e com viés de alta neste momento. A média gaúcha no balcão, fechou a semana em R\$ 77,69/saco, enquanto nas demais praças nacionais o produto oscilou entre R\$ 68,00 em Campo Novo do Parecis (MT) e R\$ 90,00/saco em Itapetininga (SP). A notar que o CIF Campinas atingiu a R\$ 96,00/saco nesta semana. Por sua vez, na B3 o vencimento março/21 chegou a R\$ 92,00/saco, maio atingiu a R\$ 94,77; julho R\$ 89,99 e setembro R\$ 85,10/saco.

Esses preços estão atrelados as poucas vendas dos produtores, preocupados com o atraso no plantio da segunda safra, e diante dos constantes aumentos no frete devido

aos reajustes frequentes do diesel. Além disso, há escassez de caminhões, pois a maioria está direcionada ao transporte da soja no momento. Neste contexto, os negócios são lentos, atingindo especialmente São Paulo. Com isso, o indicador Cepea/Esalq está quase atingindo o valor real recorde da série, alcançado em 30/11/2007, com R\$ 89,90/saco. Diante das dificuldades de oferta, os consumidores optam pelo milho mais próximo, para reduzir custos de frete, aceitando preços mais elevados pelo produto.

Dito isso, no Mato Grosso o plantio da safrinha chegou a 73% da área esperada na virada da semana, contra 98% na mesma época do ano passado e 91% na média histórica. Já as vendas de milho atingiam a 71% na safra atual, contra 56,8% na média histórica. Para a próxima safra a comercialização chegava a 13% da produção esperada, contra 15,2% no mesmo período do ano anterior. Com a continuidade das chuvas, muitos produtores estão se encaminhando para não plantar toda a área planejada, pois cerca de 30% do plantio será fora da janela ideal de semeadura.

Enquanto isso, os produtores mato-grossenses venderam os 0,47% restantes da safra 2019/20, fechando a mesma com preço médio de R\$ 67,65 a saca. Para a temporada 2020/21 a comercialização ficou, pela primeira vez, atrás da safra passada, sendo influenciada pelas incertezas do atraso na semeadura do cereal. O preço médio em fevereiro, para a corrente safra, atingiu a R\$ 58,64/saco. Já as vendas antecipadas relativas a safra 2021/22 atingiram a média mensal de R\$ 47,10/saco até o momento. (cf. Imea)

No Paraná, segundo o Deral, a colheita de milho verão chegou a 53% da área, contra 45% da safra passada no mesmo período. Já o milho safrinha se encontrava com 96% da área já semeada em boas condições. Por sua vez, a safrinha no Paraná chegou a 43% de área plantada.

No Rio Grande do Sul, a colheita do milho avançou para 65% nesta semana. A paralisação das chuvas há mais de uma semana já indica estresse hídrico nas lavouras do cereal que falta colher, podendo aumentar a quebra na safra já causada pela seca da primavera passada.

E no Mato Grosso do Sul, o plantio da safrinha atingiu a 32,5% da área esperada até o dia 05/03, contra 60% registrado no mesmo período do ano anterior. Espera-se um aumento de 5,7% na área da safrinha. O problema é que a janela ideal para este plantio fechou em 10/03. Em termos de preços, os primeiros oito dias de março indicaram uma média de R\$ 74,50/saco, contra a média de R\$ 43,94/saco na mesma época do ano passado. (cf. Famasul)

Nas exportações, a Secex apontou que nos cinco primeiros dias úteis de março o país vendeu 185.249 toneladas, chegando a 22,5% de tudo que foi comercializado em fevereiro. A média diária ficou 19% abaixo da média do mês passado, porém, 72,5% acima da média de março de 2020. O preço médio das exportações em março chegou a US\$ 233,20/tonelada, sendo 22,6% acima do registrado no mesmo mês do ano passado.

Enfim, a Conab, em seu boletim de acompanhamento de safra de março, aponta que a segunda safra brasileira de milho será semeada em 14,7 milhões de hectares, ou seja,

6,7% acima da safra anterior. Ao mesmo tempo, a produção esperada somaria 82,8 milhões de toneladas, ou seja, 10,3% acima do registrado na safra anterior. O Paraná deve produzir 18,7% mais do que 2020, atingindo a 13,6 milhões de toneladas, apesar de o plantio estar lento.

Já na atual safra de verão o relatório confirma redução na produção, com a mesma ficando em 23,5 milhões de toneladas, o que vem pressionando para cima os preços.

Assim, no total deste ano comercial, segundo ainda a Conab, o país plantará 19,5 milhões de hectares de milho, com uma produção final esperada em 108,1 milhões de toneladas. Isto significa 5,2% a mais de área e 5,4% a mais de produção.

Por sua vez, o consumo deve subir para 72,9 milhões de toneladas, com 35 milhões de toneladas sendo exportadas. Com isso, os estoques finais para o corrente ano irão melhorar, atingindo a 11,7 milhões de toneladas ou 10,3% acima do registrado no ano anterior. Esta melhoria se deve ao fato de que a produção será maior do que o aumento no consumo total do cereal no país.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago recuaram nesta semana. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (11) em US\$ 6,36/bushel, contra US\$ 6,49 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA também aqui trouxe poucas novidades. A registrar o aumento da produção mundial em 2020/21, com a mesma chegando agora em 776,8 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais de trigo recuam para 301,2 milhões de toneladas. A Argentina permaneceu estimada em 17,2 milhões de toneladas, enquanto a safra brasileira continuou em 6,25 milhões. Com isso, o Brasil deverá importar 6,7 milhões de toneladas de trigo.

Por outro lado, os EUA embarcaram, na semana anterior, um total de 482.130 toneladas, ficando no limite superior do intervalo esperado pelo mercado. No atual ano comercial o país já exportou 18,6 milhões de toneladas de trigo, ou seja, 3,5% a menos do que o exportado em igual período do ano anterior.

No Brasil, os preços se mantêm firmes. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 77,33/saco, com regiões atingindo a R\$ 79,00, enquanto no Paraná os preços oscilaram entre R\$ 79,00 e R\$ 80,00/saco. Para a nova safra do cereal, os preços do trigo, no interior do Paraná, estão hoje entre R\$ 66,00 e R\$ 72,00/saco. Já no Rio Grande do Sul, o produto, no FOB porto de Rio Grande, está em R\$ 81,00/saco, o que corresponde a cerca de R\$ 72,00 a R\$ 75,00/saco no interior, dependendo do frete. (cf. Safras & Mercado) Mas é bom lembrar que, em caso de safra cheia, tais preços podem baixar no momento da colheita. Para tanto, muito irá depender do câmbio e do preço de importação.

Por sua vez, a alta no consumo de pães e massas aumentou em 15% a demanda por trigo no Brasil durante a pandemia, fato que, junto com as constantes frustrações na produção local nos últimos anos, e a forte desvalorização do Real, que torna as importações muito caras, forçou uma disparada dos preços do cereal aos produtores.

Neste contexto, a comercialização do trigo no Paraná, maior produtor nacional, atingia a 72% do total neste início de março, sendo a maior dos últimos 15 anos.

Enfim, espera-se uma safra de trigo recorde no Brasil neste ano de 2021. A colheita nacional poderá atingir a 7,6 milhões de toneladas, contra 6,2 milhões em 2020. Obviamente, o volume recorde dependerá do clima e da consolidação do plantio. Por enquanto, a área total está projetada em 2,6 milhões de hectares, com alta de 12% sobre o ano anterior. Isso se deve ao fato de os produtores rurais, nesta última safra, estarem negociando a mesma com margem de lucro muito acima da média histórica.

Neste quadro, a produção do Paraná deverá crescer 15%, devendo chegar a 3,9 milhões de toneladas, sobre uma área 11% maior em relação ao ano anterior, a qual atingiria 1,25 milhão de hectares. Já no Rio Grande do Sul, espera-se uma área semeada de 1,035 milhão de hectares, com uma produção em crescimento de 37%, atingindo a 2,95 milhões de toneladas. Vale destacar que das últimas 60 safras nacionais, em 31 delas houve problemas climáticos com quebra de produtividade e qualidade do produto. Quanto aos demais Estados produtores, São Paulo deve aumentar a produção em 15%, atingindo a 290.000 toneladas; Santa Catarina 17%, chegando a 175.000 toneladas; Minas Gerais 5% a mais, produzindo 150.000 toneladas; Mato Grosso do Sul aumentaria 10%, atingindo a 90.000 toneladas; e Goiás com alta de 17%, atingiria a 70.000 toneladas. (cf. Safras & Mercado)